

NOSSOS CLÁSSICOS

FRIEDRICH RATZEL (1844-1904):

“O INSÍPIDO ESTÁ SEMPRE INCORRETO”

Marcos Bernardino de Carvalho

USP- Escola de Artes Ciências e Humanidades

Embora não seja muito usual, gostaríamos de dedicar esse trabalho a um velho e raro professor — Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, o Cacá, — que com suas esplêndidas aulas de geografia na Universidade de São Paulo, ensinou-nos a ter grande admiração por todas as formas e obras de arte.

Em se tratando da história das ciências, particularmente as sociais e as humanas, não é incomum que encontremos referências superlativas ao século XIX, o período histórico no qual nasceu, viveu e produziu, o personagem cujo texto inédito (em português) temos aqui o prazer de apresentar: Friedrich Ratzel (1844-1904).

Garcia-Borrón, por exemplo, assim se referiu a esse período: “O século XIX, no âmbito sócio-econômico, é o século da Revolução Industrial, e no âmbito acadêmico, o século da ciência (natural), e também o século da história.” (Garcia-Borrón, 1986: 235).

Essa referência ao *século da ciência (natural) e da história* (“no âmbito acadêmico”), pode ser entendida como indicação aos processos de afirmação das disciplinas vinculadas aos dois campos de conhecimento que institucionalmente (academicamente, ou cientificamente, se se preferir) naqueles anos se afirmavam. Além do mais, a história a que se refere Garcia-Borrón, não é a da sequência de fatos e acontecimentos, verdadeiramente importantes, que tiveram lugar naquele século, ou ao

menos não se restringe a isso. Refere-se também ao historicismo, horizonte epistemológico estabelecido a partir de Herder (“o Copérnico da História”, na definição de Ernst Cassirer¹) e de outros, como Leopold Von Ranke (por muitos considerado como precursor do cientificismo em história²), ao qual se atribui a produção de fértil descendência, particularmente o advento de diversas das modernas ciências sociais: “Herder — como indicou Cuvillier (1970: 43) — anuncia ao mesmo tempo a Filosofia da História (1837) de Hegel, e a Antropogeografia de Ratzel”. Da primeira, inúmeros sociólogos afirmam que descende a própria sociologia. Da segunda parece não haver dúvida de que descende ao menos a geografia (humana). Porém, dos debates, estranhamentos e ajustes promovidos entre todas elas e, particularmente, com esta última — a formulação ratzeliana —, consolidaram-se as demarcações dos territórios cognitivos pretendidos por várias das disciplinas integrantes desse campo “histórico”.

Esse processo, oitocentista por excelência, mas que se inicia já nas décadas derradeiras dos Setecentos, não se concluiria antes que o século XX também já estivesse avançando em seus primeiros decênios.

Assim, a compreensão dessas institucionalizações disciplinares adquire-se perscrutando histórias e trajetórias que vão de Herder a Robert Park (o sociólogo “inventor” da ecologia humana e fundador da Escola de Chicago), ou de Blumenbach (um personagem comum à antropologia e à antropogeografia) a Henri Berr (o fundador da *Revue de Synthèse Historique*, que tentou colocar em prática a ideia de uma ciência de síntese que os geógrafos vivem apregoando em teoria) ou, ainda, do próprio Ratzel a Febvre, e de Durkheim a Pierre Villar, pois estes, entre outros que também poderíamos aqui mencionar, são personagens compartilhados por todas as histórias disciplinares aí representadas, embora as versões editadas pelas corporações instituídas costumem vincular o protagonismo de cada um deles apenas àqueles campos que profissionalmente abraçaram. Afinal, os Oitocentos também correspondem ao período em que profissionalmente

¹. A afirmação está em Cassirer (1979) para quem o século XIX caracteriza nova direção para a ciência histórica, uma “rotação copernicana” — conforme suas palavras —, iniciada antes, no século XVIII, com o filósofo alemão Johann Gottfried Herder (1744-1803).

². Para vários estudiosos do tema, tanto os que aqui mencionamos como outros, Ranke (1795-1886) e a fundação da Universidade de Berlim (1810), por Wilhelm von Humboldt (irmão de Alexander von Humboldt), tiveram papéis decisivos na institucionalização científica da história. Ranke lecionou na Universidade Humboldt de Berlim (como ela passou a ser denominada) entre 1834 e 1871, e foi oficialmente eleito como “the father of historical science” pela Associação Americana de Historiadores, em 1885 (cf. Iggers, 1998: 32).

as instituições disciplinares mais se desenvolveram e se afirmaram (cf. Capel, 1994, p.e), e a tal ponto que fica muito difícil distinguir o advento disciplinar do advento da própria profissionalização científica e também da institucionalização dos espaços acadêmicos dedicados a estes processos. O fato de que a própria palavra “cientista” tenha sido criada nesse período é uma forte indicação da importância do que estava em curso naquele momento³.

“Uma época sobrecarregada de ciência”, como assim a caracterizou um dos grandes escritores dos Oitocentos, Émile Zola, através do narrador de um de seus mais célebres romances: Dr. Pascal⁴. Romancista com o qual, aliás, Ratzel, nesse texto inédito cuja tradução apresentamos a seguir, pretendeu desenvolver, entre muitos outros “artistas” (poetas, escritores e pintores, além dos diversos naturalistas) curiosa e interessante interlocução.

No campo das Ciências Sociais, os debates que envolveram particularmente alguns de seus conhecidos integrantes — na virada do século XIX para o XX —, ocorridos especialmente em torno das obras desse mesmo Ratzel, talvez tenha sido decisivo para a consolidação institucional e disciplinar do que entendemos hoje por sociologia, geografia, antropologia, etnografia e história. Entre a publicação da primeira grande obra de Ratzel — *Antropogeografia* (1º vol., em 1882) — e a primeira edição de conhecido livro do fundador dos *Annales d'histoire économique et sociale*, Lucien Febvre, — *A Terra e a evolução humana* (1ª edição francesa em 1922) —, tais debates se desenvolveram e tiveram lugar sobretudo nas páginas do *L'Anée Sociologique* (fundado em 1898 por Émile Durkheim), dos *Annales de Géographie* (fundado em 1891 por Vidal de La Blache), e em obras como as mencionadas há pouco, além de outras publicações destes e de outros importantes autores. O livro de Febvre se notabilizou por seu ataque frontal à proposta antropogeográfica de Ratzel. Desqualificando-a como “determinista”, “dogmática”, “não científica” e pretenciosa, — “uma rapina audaciosa dos domínios reservados aos economistas e aos sociólogos” (Febvre, 1925: 47) —, Febvre elegeu o que ele mesmo batizou de o grupo “dos possibilistas do

³. A palavra aparece pela primeira vez no livro *The philosophy of the inductive sciences : founded upon their history* (1840), de autoria do filósofo e historiador inglês William Whewell (1794 –1866). Para maiores detalhes v. Carvalho, 2007.

⁴. Último dos volumes escritos para a série intitulada “*Os Rougon-Macquart/História Natural e Social de uma Família sob o Segundo Império*”, para a qual Zola escreveu vinte títulos que foram publicados entre os anos de 1871 e 1893.

tipo de Vidal [de La Blache]” (pg.29) como polo antagônico da contenda e, apoiando-se nesse polo, deu razão aos sociólogos (e à sua “morfologia social”) que com as ideias ratzelianas se deblateravam, indicando inclusive o lugar desejado para a antropogeografia: “... deve se desvanecer como ciência distinta...” (*ibid.*). A partir daí, e apoiado em sua leitura muito particular dos “possibilistas” a “*la Vidal*”, Febvre sugeriu uma geografia possível, cujo método e objeto não interfeririam nas pretensões nem de historiadores, nem de sociólogos para seus estabelecimentos disciplinares: “o que a Geografia estuda, o que nos dá a conhecer, é o meio ambiente em que se desenvolve a vida humana. Primeiro, descreve; depois, analisa...” (1925:88)

A oposição estabelecida por Febvre — sobretudo a partir da associação entre Ratzel-determinismo e La Blache-possibilismo — , mesmo que não encontrasse apoio nas obras dos “protagonistas” desses dois “polos”, obteve guarida em um ambiente fortemente caracterizado pelas contendas em torno da demarcação dos territórios disciplinares que estavam em curso naquele momento. Por mais que nos escritos de La Blache⁵, ou, particularmente nos de Ratzel, fosse possível encontrar argumentos e reflexões suficientes que iam de encontro às caracterizações que Febvre produziu sobre ambos, especialmente na associação equivocada entre Ratzel e o “determinismo”, prevaleceu a caricatura. Nas obras de Ratzel, há desde ataques frontais contra o determinismo ambiental — “a obscura e exagerada afirmação ‘o homem é um produto do ambiente’...” (Ratzel, 1914: 39), afirmava, por exemplo, o geógrafo alemão logo nas páginas iniciais do primeiro volume de sua Antropogeografia — , como há posições mais refletidas e matizadas sobre o mesmo tema, mas que não deixam de se opor aos tratamentos reducionistas e simplificadores da questão e com os quais alguns ainda costumam identificá-lo. “O processo cultural emancipa o homem da natureza”, afirmou Ratzel em *Volkerkunde* (1888) mas, prosseguiu o autor, não “no sentido do desprendimento completo” e sim no da “ampliação e multiplicação das alianças” ou, nos termos em que ele já havia tratado o mesmo tema em Antropogeografia, “no sentido de uma coligação mais complexa, mais vasta e menos imperiosa” (Ratzel, 1914).

⁵. Vários trabalhos poderiam ser aqui indicados para confirmar isso. Mas, talvez o mais conciso, seja o interessante necrológico sobre Ratzel, escrito pelo próprio La Blache (1904) e publicado nos *Annales de Géographie*. Outro artigo de interesse, nesse sentido, seria a análise feita também por La Blache (1898) da Geografia Política de Ratzel .

Mas, a percepção dessa densidade de tratamento que Ratzel conferia à questão, sucumbiu diante da simplificação febvriana, pois esta última parecia ser, como assinalamos, a edição histórica que interessava para aquele momento de afirmação disciplinar. O estranho é que muitas dessas simplificações cometidas, com as caracterizações das formulações ratzelianas (que, além do determinismo, costumam ser associadas incorretamente também a vários outros *ismos*: evolucionismo, positivismo, nacional-socialismo, racismo...)⁶, perdurem ainda hoje em diversas abordagens, sejam elas sobre a história da institucionalização da geografia, sejam sobre as contribuições daqueles que são considerados seus fundadores, ou sobre as caracterizações das diversas escolas de pensamento que conformaram o conhecimento geográfico em sua versão moderna.

O conjunto das determinações históricas, no entanto, segue o seu curso, produzindo novos ambientes que demandam outras “edições” e diversificadas valorações cognitivas. Ironicamente, é o próprio Febvre, aproximadamente 30 anos depois da publicação de “A Terra e a evolução...”, que em um outro livro seu, uma coletânea de escritos e palestras reunidos sob o título “Combates pela História” (editado pela primeira vez em 1953) reconhece, em um capítulo denominado “Contra o espírito de especialidade”, o seguinte: “Façamos uns e outros, quando houver ocasião, tratados e manuais de nossas respectivas ciências: é uma necessidade prática. Mas estes só terão *valor humano* quando forem animados pelo amplo espírito de unidade científica ...” (Febvre, 1970: 161). E, em outro capítulo, em texto que transcreve uma palestra que proferiu especificamente para historiadores, aconselha à maioria de jovens aspirantes à profissão que compunham sua plateia: “Voltem suas costas convictamente ao passado, vivam primeiro. Mesclam-se com a vida. Com a vida intelectual, indubitavelmente em toda a sua variedade. Sejam geógrafos, historiadores. E também juristas, e sociólogos, e psicólogos...” (1970:56)

Febvre, que no início do século XX havia contribuído para colocar um ponto final na contenda que envolvia diversos cientistas sociais,

⁶. Tanto nas obras de Ratzel mencionadas, como em outras de sua autoria, é possível encontrar inúmeras passagens e argumentações que refutam os vínculos do autor alemão com esses diversos ‘ismos’. Para a verificação disso, tomamos a liberdade de indicar ao leitor alguns trabalhos de nossa própria autoria, nos quais destacamos várias dessas passagens: Carvalho (1997a, 1997b, 1999 e 2004), todos eles acessíveis em <<http://www.ub.edu/geocrit/menu.htm>>.

arbitrando em favor da fragmentação e do analitismo que a “definição nítida, estrita e egoisticamente geográfica” promovia (Febvre, 1925: 86) [ou antropológica, ou histórica, ou sociológica, acrescentaríamos nós, sem desvirtuar — acreditamos — o sentido de sua afirmação], em detrimento de formulações como a da “ambiciosa” antropogeografia de Ratzel, retorna ao tema em meados do século passado, indicando precocemente uma perspectiva que só algum tempo depois tendeu a se fortalecer, pelo menos nas reflexões de alguns autores, e em um caminho bastante oposto àquele consagrado pelo analitismo prevalecente do início dos Novecentos, qual seja, o de ampliação de diálogos entre os saberes e da flexibilização das fronteiras disciplinares, sobretudo em função do reconhecimento da importância que os componentes cognitivos e epistemológicos exerceram na produção das diversas crises que ora atravessamos .

Vários destes dispuseram-se a refazer trajetórias percorridas pelos diversos campos científico-disciplinares, conferir suas histórias e reavaliar os caminhos interrompidos ou abandonados, com o intuito de descobrir e promover objetos e objetivos comuns, ou ao menos que sejam mais compartilhados, entre outros aspectos capazes de contribuir para a construção das aproximações necessárias ao enfrentamento dos desafios cognitivos do presente.

Nesse contexto, as exortações aproximativas, menos “disciplinadas”, como por exemplo a formulação “hologeica” de um Ratzel⁷, despertam a atenção, e não só de gente vinculada à geografia, mas sobretudo entre aqueles preocupados em promover no âmbito de suas próprias e de outras disciplinas os diálogos e as transgressões aludidas. Em pensadores do quilate de um Edgar Morin, de um Enrique Leff ou de um Boaventura de Souza Santos, às voltas, todos eles, com a construção de epistemologias da complexidade fundadas em “pedagogias ambientais” ou em uma “ecologia de saberes”, é possível encontrar explícitas referências ao caráter complexo e resistente da geografia, especialmente quando comparam a trajetória desta, que manteve seu estatuto de ciência ambígua (física-humana), com as inúmeras partições e especializações experimentadas pelas diversas outras disciplinas, que ou voltaram as costas para as humanidades, ou para

⁷. Trata-se da denominação que Ratzel cunhou para distinguir o método geográfico daqueles empregados pelas outras ciências. Já na introdução do primeiro volume de sua Antropogeografia ele afirmou: “A geografia investiga os mesmos fenômenos que são estudados pelas outras ciências, mas seu método distingue-se por um desejo natural de expansão, que eu denominaria de visão hologeica, ou seja, abraçadora de toda a Terra” (Ratzel, 1909: 59). No original: “hologäische Betrachtung” [consideração hologeica] ou “hologäische Erdansicht” [observação hologeica da Terra] (Ratzel, 1891: 57)

as dimensões físico-ambientais, a depender do campo de conhecimentos que escolheram para tornarem-se tributárias⁸.

Mas, especialmente no âmbito dos geógrafos pesquisadores de suas próprias histórias, inúmeros são os que se dedicaram em períodos recentes, e muito provavelmente, estimulados por esse novo contexto de desenvolvimentos cognitivos, a restabelecer a importância do pensador alemão.

Apenas para citar alguns exemplos lembraríamos aqui das seguintes abordagens: Horacio Capel em seu *Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea* (1981), estabelecendo com maior precisão o papel fundador desempenhado por Ratzel na institucionalização da geografia em fins do século XIX, ao mesmo tempo em que desmistifica a versão da “história sagrada da disciplina” acerca das razões que levaram nossos “pais fundadores” a exercerem esse papel; Claude Raffestin, que em um posfácio escrito para uma recente tradução francesa do *Politische Geographie* reconheceu, entre outras considerações sobre noções e conceitos ratzelianos largamente utilizados pelas ciências sociais: “Eu escrevi, erradamente, que Ratzel é redescoberto. Mas não, ele é pura e simplesmente *descoberto*...” (Raffestin, 1988: 378)⁹; Andre Louis Sanguin, que além de fazer eco aos reconhecimentos do papel desempenhado por Ratzel — “Ratzel est un élément lourd dans l’espistémologie de la discipline” (Sanguin, 1990: 592) —, parece, senão inaugurar, pelo menos estimular, uma postura que mais recentemente se difundiria como muito comum entre diversos autores dedicados ao tema da história e da identidade da geografia: o exercício da autocritica com relação às referências feitas ao pensador alemão, especialmente na revisão das incorretas associações que muitos deles fizeram, entre o geógrafo alemão e aqueles diversos *ismos* a que há pouco nos referimos¹⁰.

⁸. Nos seguintes textos dos autores mencionados, pode-se colher menções explícitas a esse caráter abrangente da geografia: Morin (2001), Leff (2001) e Souza Santos (1995).

⁹. Posteriormente, com Roderick Lawrence, em um texto publicado na conceituada *Political Geography Quarterly*, Raffestin também afirmou: “A partir de uma consideração política, Ratzel formulou uma perspectiva integrada e ecológica sobre o solo, que ele via como possuidor dos recursos básicos da vida. Sua interpretação de territórios específicos, considerando todos os seus componentes ou elementos, raramente tem sido contemplada nos discursos e teorias da geografia contemporânea. Além disso, Ratzel compreendeu a complexidade da terra, incluindo sua dimensão ecológica e política.” (Raffestin e Lawrence, 1990: 104)

Cremos que o texto cuja tradução apresentamos a seguir poderá contribuir ainda mais para essas reconsiderações que em torno do pensador alemão se promovem. Tal texto, que é parte da última obra (descontadas as coletâneas póstumas) produzida por Ratzel — *Über Naturschilderung* —, foi publicado no ano de sua morte, 1904, e ilustra muito bem o alcance ampliado dos interesses a que ele se dedicou ao longo de toda sua trajetória de vida pessoal e acadêmico-científica. Essas trajetórias fundiram-se e foram determinantes para a construção das (des)identidades que caracterizariam o próprio saber geográfico que ele e outros contemporâneos seus (como Vidal de La Blache, p.e.), ajudaram a institucionalizar como disciplina científica. Apenas a menção de alguns aspectos biográficos (e curriculares) de Ratzel bastariam para melhor entender isso. Seu conhecimento sobre zoologia, e o interesse pelas chamadas ciências naturais, adquiridos na formulação de sua tese de doutorado sobre a *morfologia dos Oligoquetas*, bem como os anos dedicados ao jornalismo e às viagens que essa atividade proporcionou como jornalista do *Kolnische Zeitung*, e que ampliaram suas reflexões e interesses também para os âmbitos e objetos das chamadas ciências humanas, manifestaram-se na construção das principais formulações presentes nas obras acadêmicas produzidas em seus anos de vínculos com as Universidades de Munique (1876-1886) e Leipzig (1886-1904), já como professor de geografia. Durante os anos em Munique, Ratzel publicou o primeiro volume de sua *Anthropogeographie* (1882) e também os primeiros volumes de *Völkerkunde* (1885). Em Leipzig, a publicação de ambas se completa (*Anthropogeographie*, em 1891 e *Völkerkunde* em 1888); além disso, publicam-se *Politische Geographie* (1897), *Die Erde und das Leben* (1901-1904) e *Über Naturschilderung* (1904), apenas para citarmos as grandes obras do geógrafo alemão.

Em todas elas manifesta-se o duplo estatuto de interesses, pelas dimensões físico-naturais e humano-culturais, que jamais deixou de caracterizar e identificar o conhecimento geográfico, mesmo aquele disciplinarmente instituído desde então. Na obra de Ratzel, isso se pode observar, da original formulação antropogeográfica à ideia de uma “biogeografia universal” (sugerida no segundo volume da *Anthropogeographie*) ou da “geografia política”, fundada segundo uma

¹⁰. Esse caso de Sanguin, independentemente da expressão ou notoriedade do autor, é emblemático e representativo dessa tendência autocrítica que assinalamos, pois ele é autor de um conhecido dicionário de geografia política (Sanguin, 1981), no qual o próprio Sanguin comete alguns dos equívocos, com relação a Ratzel e às suas formulações, criticados nesse artigo mais recente.

concepção ampliada de fronteiras, à pretendida síntese integradora, promovida em “A Terra e a Vida” (“*Die Erde...*”) ou, ainda, na afirmação da importância do “olhar holoceico”, outra criação sua que, como vimos, foi por ele proposta para identificar as particularidades de condução dos estudos geográficos, sobretudo quando os comparamos com aqueles que foram promovidos pelas outras disciplinas que então se afirmavam. “Nós não desconhecemos a grande ajuda que o olhar holoceico traz ao estudo de cada um dos problemas antropogeográficos”, afirmou, o então professor de Munique, ainda na introdução de sua antropogeografia, como há pouco mencionamos, para em seguida realçar as vantagens que a amplitude desse olhar conferia à própria ciência geográfica: “Em uma época como a nossa, na qual, por efeito da especialização, cada uma das ciências é dividida em um grande número de pequenos estudos particulares, é uma verdadeira felicidade que na ciência geográfica tal fracionamento não seja ainda muito acentuado, de forma que a investigação possa ser dirigida e conduzida sobre uma base ampla, possibilitando a descoberta de campos investigativos completamente novos.” (Ratzel, 1909: 60).

Desse universo de preocupações, manifestadas nas obras aludidas, que consideram a multiplicidade de determinações — das naturais às culturais — presentes na conformação de todos os territórios e paisagens, não ficaram de fora também as indicações estéticas, pois, para Ratzel, esse outro conjunto de preocupações não deveria mover apenas a produção artística e literária, mas também a científica e, particularmente, a geográfica, uma vez que só o geógrafo dotado de senso estético seria capaz de ultrapassar os limites de uma descrição reles, de pouca eficácia para o conhecimento do que se descreve, e produzir uma narrativa de qualidade superior, capaz de praticamente transportar o leitor àquilo que se descreve ou se examina. Em *Über Naturschilderung*, a sua derradeira obra, da qual extraímos o texto da tradução que apresentamos, parte dessas preocupações é que são contempladas. Nesse livro, Ratzel começou a reunir algumas reflexões que iniciava a produzir mais sistematicamente sobre tais questões, dando-nos uma indicação clara de caminhos que pretendia ainda percorrer, não houvesse sido bruscamente interrompido com a morte, no auge de sua maturidade intelectual, aos 60 anos de idade.

Essa ampliação, para a consideração das dimensões estéticas e artísticas, explicita-se já na escolha das próprias palavras que compõem o título dessa derradeira obra. Segundo Luciana de Lima Martins, em um trabalho que poderia ser colocado ao lado daqueles que pioneiramente nas duas últimas décadas têm se dedicado a recompor a contribuição de Ratzel no Brasil: “Em alemão, há duas palavras que designam ‘descrição’;

‘*Schilderung*’ e ‘*Beschreibung*’. A primeira, proveniente de ‘*Schild*’, escudo em alemão, é empregada no sentido de narrativa: faz lembrar o escudo de Aquiles, gravado com as façanhas do guerreiro. A segunda tem uma acepção mais técnica. Ratzel, sensível a essa diferença, atém-se à ‘*Naturschilderung*’”. (Martins, 1993: 60). Ou seja, algumas das argumentações e reflexões mais importantes que têm sido desenvolvidas por pensadores da contemporaneidade, particularmente aquelas que insistem na necessidade de ampliação dos diálogos entre os diversos saberes e pela adoção de posturas transdisciplinares, capazes de considerar e valorar, sem as hierarquizações discricionárias de praxe, as contribuições cognitivas tanto da ciência como da arte, poderiam encontrar apoio em muitas das considerações de Ratzel, valendo-se inclusive das inúmeras formulações que pioneiramente ele desenvolveu. A época desses desenvolvimentos, no entanto, e como já assinalamos, caracterizou-se por forte pressão do analitismo científico e das instituições disciplinares que então se afirmavam. Os diálogos disciplinares, os campos difusos de conhecimento, como os representados pelas formulações antropogeográficas ou biogeográficas, e por métodos hologeicos, ficaram fortemente prejudicados, naquele contexto, pelos caminhos que se tornaram hegemônicos para a construção e valoração dos diversos instrumentos de cognição.

Os outros tempos que inegavelmente vivemos hoje, porém, não só facilitam os diálogos e as ampliações de horizontes cognitivos, como os impõem, particularmente quando se generaliza a consciência do importante papel que esses instrumentos de cognição desempenharam no desencadeamento de algumas das diversas e importantes crises que ora atravessamos.

Nas páginas de *Über Naturschilderung*, Friedrich Ratzel anunciava precocemente a necessidade do alargamento desses diálogos e dos investimentos metalinguísticos, tanto para fazer frente ao estreitamento de horizontes que estava em curso, como para indicar os parâmetros necessários ao desenvolvimento cooperativo dos diversos saberes. Especialmente no capítulo *Ciência e Arte [Wissenschaft und Kunst]*, que escolhemos para traduzir e apresentar integralmente nesta seção, tal amplitude poderá ser verificada. Independentemente dos erros, acertos e questionamentos que se poderiam apontar para os conteúdos nele desenvolvidos, cremos que a leitura desse texto proporcionará a todos a agradável surpresa de conhecer que, no ampliado universo de interlocutores que Ratzel pretendeu incluir em seus desenvolvimentos científicos, estavam alguns dos mais importantes e renomados pensadores,

naturalistas, poetas, escritores, tanto de sua época como das anteriores. E tudo isso com o propósito de insistir na ideia de que, para produzir um conhecimento verdadeiro, não se poderia privar de dosar em justa medida a contribuição da ciência e da arte.

Para os tempos atuais, em que exemplos como os da multiplicidade de interesses da geografia são mencionados por diversos e respeitados autores, alguns dos quais já mencionamos há pouco (v. nota 8), como algo digno de registro e exemplo a ser considerado para ampliação dos horizontes estreitados de vários outros campos do conhecimento, reconhecer que estes horizontes poderiam ser mais ampliados ainda, e para além dos expedientes já quase banalizados das multi e interdisciplinaridades (restritas aos saberes disciplinados pelo analistismo científico), rumo também à consideração daquelas posturas transdisciplinares que buscam dialogar com a liberdade da arte, por exemplo, é, antes de mais nada, uma alegria; e também uma necessidade, pois, segundo afirma o próprio Ratzel, no texto que aqui apresentamos, “a natureza nem sempre liberou na superfície a essência de um fenômeno, mas os verdadeiros artistas a pressentiram e, frequentemente, muito antes dos pesquisadores e pensadores. Em não poucos casos a arte antecipou a ciência em uma concepção correta de um fenômeno da natureza”. (Ratzel, 1906: 42, 43).

O reconhecimento dessa regra, que distingue as diferenças entre as sensibilidades dessas nossas dimensões de relacionamento cognitivo com a natureza, bem como o seu respeito e sua adoção como referência para o próprio desenvolvimento do campo científico, poderia talvez, igualmente, contribuir para reanimar os diversos saberes que a esse campo se filiam, tirando-os da situação acuada em que se encontram, hoje pressionados, não tanto pelo furor analítico-disciplinar do início do século XX, mas pelo produtivismo que sacrifica a qualidade e a beleza em nome de quantidades contabilizadas sem grandes propósitos, a não ser o da pontuação curricular. Mas, para isto, Ratzel também, neste mesmo texto aqui apresentado, ofereceu uma espécie de antídoto e referência a ser considerada: “O ínsipido está sempre incorreto” (*ibid.*: 46).

*

*

*

Antes da tradução propriamente dita, alguns esclarecimentos importantes. A ideia dessa tradução surgiu em um trabalho de iniciação científica, por mim orientado, e realizado por Mara Sandra Zanin, em 2008, no Departamento de Geografia da PUC de São Paulo, instituição a que estávamos vinculados naquela ocasião. Tal trabalho, entre outros desenvolvimentos, propunha-se a apresentar um texto inédito, em língua portuguesa, de Friedrich Ratzel. Para isto, Mara S. Zanin, realizou um primeiro esboço de tradução do texto que aqui apresentamos. A partir desse esboço é que produzimos o trabalho que trazemos a público. Este consistiu basicamente na produção de uma nova tradução, a partir não só de uma revisão técnica do esboço já feito, mas no trabalho de verter novamente para o português vastos trechos que necessitavam ser retrabalhados para dotá-los de maior clareza e compreensão. Uma dificuldade adicional, digna de menção, é o fato de que os originais estão em alemão gótico.

Buscamos respeitar todas as indicações e marcações do texto original (citações com e sem aspas, longos parágrafos, variação no tamanho das letras para comentários etc.). E optamos, sempre que possível pelas traduções literais que não sacrificassem o conteúdo original. Portanto, as características estilísticas do autor, podem ter em parte se perdido nessa versão. Apesar disso, e dos inúmeros defeitos que poderão ser apontados para este trabalho (e dos quais isentamos de responsabilidade, desde já, Mara Sandra Zanin) acreditamos que essa versão permitirá a todos conhecer uma outra importante faceta das preocupações ratzelianas.

Além da versão integral do capítulo 2 de *Über Naturschilderung*, traduzimos também o prefácio feito por Ratzel para este seu derradeiro livro. Talvez esse tenha sido de fato o último texto escrito pelo geógrafo alemão, pois apenas vinte dias separam o momento de sua morte da data indicada no prefácio. Trata-se de pequeno mas belo texto que homenageia os professores de geografia, particularmente aqueles que através da arte agram e valorizam os caminhos de seus alunos.

Bibliografia

CAPEL, H. 1994. Factores sociales y desarrollo de la ciencia: el papel de las comunidades científicas. *Suplementos (Barcelona)*, n. 43, p. 5-19.

CAPEL, H. 1981. *Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea/ Una introducción a la Geografía*. Barcelona: Barcanova.

- CARVALHO, M. B. 2007. Dos Oitocentos ao XXI: Cientistas, Livros e Internet. *Ar@cne*, Universidade de Barcelona, n. 103, 1/12/2007 <<http://www.ub.es/geocrit/aracne/aracne-103.htm>>.
- CARVALHO, M. B. 2004. Novos fundamentos para a biogeografia: a revolução biotecnológica e a cartografia dos mananciais de bio-sociodiversidade. In: RIBEIRO, H. (org.) *Olhares Geográficos, meio ambiente e saúde*. São Paulo: Senac.
- CARVALHO, M. B. 1999. “Geografia e complexidade”. *Scripta Nova..* Universidade de Barcelona, n. 34, 15 de febrero de 1999. <http://www.ub.es/geocrit/sn-34.htm>
- CARVALHO, M. B. 1997a. Ratzel: Releituras Contemporâneas. Uma Reabilitação? *Biblio 3W* n. 25, Universidade de Barcelona. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-25.htm>> 21 p.
- CARVALHO, M. B. 1997b. Diálogos entre as Ciências Sociais: um legado intelectual de Friedrich Ratzel (1844-1904). *Biblio 3W* n. 34. Univ. de Barcelona. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-34.htm>>.
- CASSIRER, E. 1979. *El Problema del Conocimiento* (IV). México: Fondo de Cultura.
- CUVILLIER, A. 1970. *Manual de Sociologia* - Tomo I. 4^a ed. Buenos Aires: El Ateneo.
- FEBVRE, L. 1970. *Combates por la historia*. Barcelona:Planeta-Agostini.
- FEBVRE, L. 1925. *La Tierra y la Evolución Humana/ Introducción Geográfica a la Historia*. Barcelona: Editorial Cervantes.
- GARCIA-BORRÓN, J. C. 1986. *Filosofia y Ciencia/ Historia del pensamiento racional*. Barcelona: Editorial Teide.
- IGGERS, G. 1998. *La Ciencia histórica en el siglo XX*. Barcelona: Idea.
- LA BLACHE, V. 1904. Friedrich Ratzel (1844-1904). *Annales de Géographie*, vol. XIII, p. 466-467.
- LA BLACHE, V. La Géographie Politique/ A Propos des Écrits de M. Frédéric Ratzel. *Annales de Géographie*, 1898, vol. VII, p. 97-111. (traduzido e publicado na rev. GEOgraphia n. 7)
- LEFF, E. 2001. *Saber Ambiental*. Rio de Janeiro: Vozes.
- MARTINS, L. 1993. *Friedrich Ratzel através de um prisma*. Rio de Janeiro, UFRJ (dissertação).
- MORIN, E. 2001. *A Cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

- RAFFESTIN, C. e LAWRENCE, R. 1990. Human ecology and environmental policies: prospects for politics and planning. *Political Geography Quarterly*, 9 (2), p. 103-107.
- RAFFESTIN, C. 1988 "Postface". In: RATZEL, F. *Géographie Politique*. Paris: Economica, p. 378-381.
- RATZEL, F. 1891. *Antropogeographie, Die Geographie Verbreitung des Menschen* (Zweiter Teil). Stuttgart: J. Engelhorn.
- RATZEL, F. 1909. *Antropogeographie/ Grundzüge der Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte*. Stuttgart: J. Engelhorn.
- RATZEL, F. 1914. *Geografia Dell'Uomo*. Turim: Fratelli Bocca. 596 p.
- RATZEL, F. 1888. *Las Razas Humanas* (Vol. I). Barcelona: Montaner y Simon.
- RATZEL, F. 1906. *Über Naturschilderung*. München und Berlin: R. Oldenbourg.
- SANGUIN, A. L. 1981. *Diccionario de Geografia Politica*. Valparaiso: Ediciones Universitarias de Valparaiso.
- SANGUIN, A. L. 1990. En relisant Ratzel. *Annales de Géographie*, nº 555, p. 579-594.
- SOUZA SANTOS, B. 1995. *Um discurso sobre as ciências* (7ª ed.). Porto: Afrontamento.
- ZOLA, E. 1955. *O Doutor Pascal*. São Paulo: Cia. Brasil Editora.

Comentário sobre o nosso triálogo entre texto, tradução e revisão

Wolf-Dietrich Sahr
Revisor Técnico

O morar na língua é, conforme Martin Heidegger, uma condição humana. Assim, verificar a tradução de um colega é tarefa árdua, porque significa entrar na casa dos outros. Mas em contraste à metáfora da casa, a tradução em si se parece mais a um encontrar de barcos em cima de um mar agitado, e este mar é o texto original.

No texto *Über Naturschilderung*, de Friedrich Ratzel, encontramos uma obra que ultrapassa largamente as ideias das vertentes racionalistas e cientificistas da época; pelo contrario, o texto apresenta uma visão filosófica próxima do romantismo, como mostra o excelente tradutor Marcos B. de Carvalho na sua introdução. Traduzir, então, tal espírito romântico, estando este em permanente luta contra o racionalismo, para uma língua que é, a meu ver – hoje – bastante racionalizante, pelo menos no seu sotaque científico, é quase impossível. O desafio é, portanto: como representar numa tradução portuguesa/brasileira este espírito que permeia quase todas as frases do texto de Friedrich Ratzel? Aqui se desenrolou um diálogo de desconhecidos entre a tradução de Marcos e minha revisão.

O principal problema de qualquer tradução de um texto no alemão da época é a duplicidade da função das palavras e das frases entre horizontalidade e verticalidade. Nas palavras, o caráter duplo é nítido nos textos de Friedrich Ratzel. Contudo, exatamente esta duplicidade me parece quase intraduzível para um leitor do português brasileiro de hoje que está acostumado à linearidade e à simplicidade de um texto científico-pragmático. Todavia, para os ouvidos sensíveis de alemães amantes da língua (e apenas eles, pois a despoetização modernizante da língua também acontecia na Alemanha), muitas palavras têm, além do seu significado superficial, uma forte carga etimológica – e muitos leitores alemães ainda conseguem compreender isso. Mas essa compreensão é velada e vedada ao leitor brasileiro. Primeiro, porque o leitor brasileiro atual não vai procurando raízes semânticas nas palavras e, segundo, mesmo se ele o faz, não consegue traçar os caminhos sinuosos da etimologia alemã. Mas exatamente essa carga histórica da palavra era, por exemplo, o segredo criativo das filosofias de Nietzsche e Heidegger, e ela é uma conquista dos

poetas e teóricos românticos. Por isso, além da palavra se integrar dentro da lógica (*ratio*) horizontal de uma frase (autores como Kant, Humboldt e Hegel, geralmente os mais lidos entre os autores alemães no Brasil, são mestres dessa horizontalidade), ela também procura uma integração vertical, um enraizamento ontológico, como mostram os poetas da época clássico-romântica, por exemplo, Goethe, Schelling ou Hölderlin. Assim, o duplo movimento linguístico é de máxima importância para todos os românticos alemães, e Ratzel o reproduz com muita nitidez no seu texto.

Um exemplo: quando a natureza é descrita de um lado como uma imagem científica, aparece de outro com uma ligação emotiva. Assim, a palavra “impressão da natureza” (em alemão: *Natureindruck*) é mais do que uma superficialidade impressionista, mas um imprimir-se da natureza no espírito, uma poética da materialização. Desta maneira, a palavra torna-se, através da etimologia, uma revelação, na qual a natureza aparece como não sendo preexistente, mas existindo e agindo neste momento. E sobre isso era o debate invisível entre tradutor e revisor. No final, esperamos, afloraram os sentidos mais profundos que íamos encontrando.

Também as frases de Ratzel, na sua extensa horizontalidade, constroem-se muitas vezes poeticamente. Em vários casos, o autor utiliza inversões (que também, no alemão de hoje, parecem um pouco artificiais). Por isso, quando a tradução portuguesa optou por manter essas inversões, isso foi plenamente no sentido proposto por Friedrich Ratzel. Porque é a liberdade da construção da oração (que, de fato, também é uma característica do latim clássico em comparação com as línguas latinas modernas) que permite um uso criativo da construção gramatical. O sentido profundo se desenvolve aqui no abrir da frase com polaridades, cruzamentos e incorporações. Assim, se reproduz na sua artificialidade exatamente essa mesma abordagem romântica que recria o sentir da natureza, por empatia e sentimento, através da arte, através do artificial.

Essa duplicidade, tanto das palavras como das frases, finalmente, revela as típicas contradições românticas não-dialéticas (!) que o romantismo suporta emocionalmente, e não aplaina cientificamente. Mas essa relação é trágica. Assim, enquanto os românticos, por um lado sentem a natureza como uma força que permeia tudo, por outro eles percebem também que qualquer imagem, qualquer retrato, distancia a natureza do homem, assim que ele tem que fazer arte. Para superar este hiato, os românticos buscavam a reaproximação com a natureza integrada, já sabendo que ela era inalcançável. E Ratzel “sabia” disso também.

Olhando para trás, para o nosso diálogo invisível, parece-me que emergiu o espírito romântico, ao qual o tradutor Marcos B. de Carvalho, com muita ousadia e fidelidade ao texto original, mostrou-se obrigado - suportando firme em português a enorme variabilidade criativa, tanto da construção das frases alemãs, como da duplicidade de suas palavras. Aquele era o principal tema da revisão - que, neste sentido, era mais poética do que técnica. Esperamos que o leitor, que deve ler o texto com muita atenção (mesmo eu, no meu falar nativo, precisava ler e reler várias frases em alemão até que se revelasse sua plena compreensão), que ele se alegre com este jogo romântico das palavras e das frases para compreender de modo um pouco mais profundo o pensar dos geógrafos daquela época.